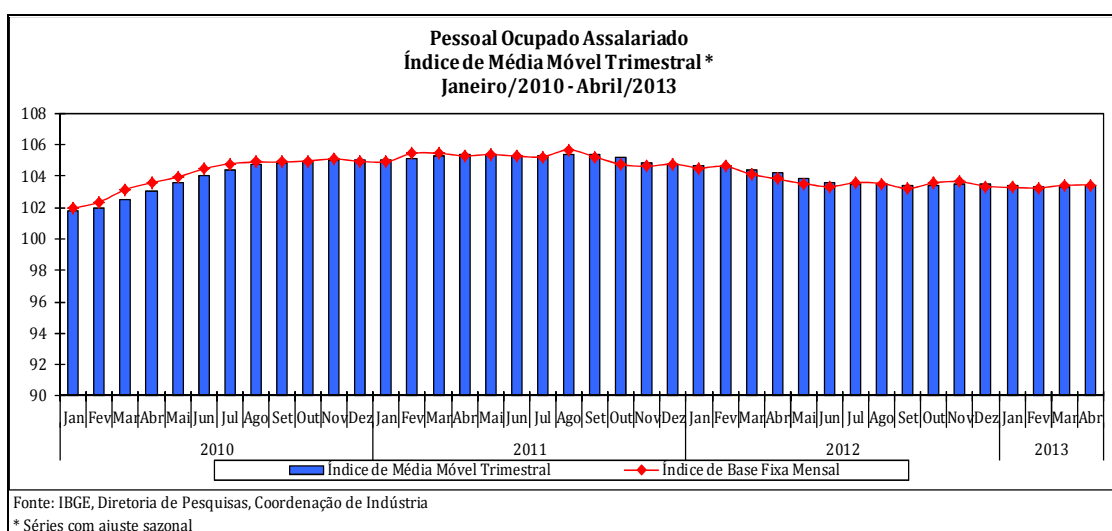


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em abril de 2013, o total do pessoal ocupado assalariado na indústria mostrou variação nula (0,0%) frente ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, após registrar variação positiva de 0,2% em março e ficar estável em fevereiro último. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral assinalou variação positiva de 0,1% no trimestre encerrado em abril frente ao nível do mês anterior e permaneceu com o comportamento de estabilidade presente desde julho do ano passado.



O emprego industrial mostrou queda de 0,5% no índice mensal de abril de 2013, décimo nono resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto, mas o menos intenso desde janeiro do ano passado (-0,4%). No índice acumulado para o primeiro quadrimestre de 2013, o total do pessoal ocupado na indústria recuou 0,9% e apontou ligeira redução no ritmo de queda frente ao registrado no último quadrimestre de 2012 (-1,4%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 1,3% em abril de 2013, assinalou marcas próximas das registradas em dezembro (-1,4%), janeiro (-1,4%), fevereiro (-1,5%) e março (-1,4%).

No confronto com igual mês do ano passado, o emprego industrial recuou 0,5% em abril de 2013, com o contingente de trabalhadores apontando redução em oito dos quatorze locais pesquisados. O principal impacto

negativo sobre a média global foi observado na Região Nordeste (-4,0%), pressionado em grande parte pelas taxas negativas em treze dos dezoito setores investigados, com destaque para a redução no total do pessoal ocupado nas indústrias de alimentos e bebidas (-4,3%), calçados e couro (-5,1%), minerais não-metálicos (-5,6%), vestuário (-3,2%), indústrias extrativas (-8,4%), máquinas e equipamentos (-8,9%), produtos têxteis (-4,7%) e refino de petróleo e produção de álcool (-8,3%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por Pernambuco (-7,3%), Bahia (-5,3%) e Rio Grande do Sul (-1,6%), com o primeiro influenciado principalmente pelas quedas verificadas nos setores de alimentos e bebidas (-11,7%) e de borracha e plástico (-21,3%); o segundo pressionado especialmente pelos ramos de calçados e couro (-19,9%), de máquinas e equipamentos (-17,7%) e de minerais não-metálicos (-12,1%); o terceiro por conta das perdas registradas em calçados e couro (-7,4%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-17,2%) e máquinas e equipamentos (-4,1%). Por outro lado, Santa Catarina (1,4%) e Região Norte e Centro-Oeste (1,1%) apontaram as contribuições positivas mais relevantes sobre o emprego industrial do país, impulsionados, em grande parte, pelos setores de máquinas e equipamentos (4,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (7,1%) e borracha e plástico (4,3%), no primeiro local, e de alimentos e bebidas (6,2%), produtos de metal (10,4%) e refino de petróleo e produção de álcool (10,7%), no segundo.

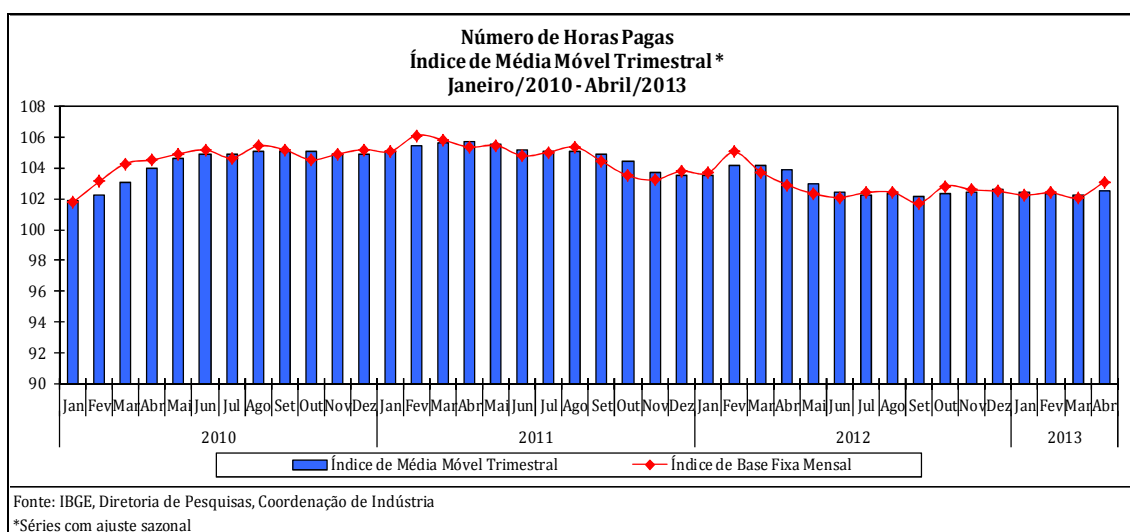
Setorialmente, ainda no índice mensal, o total do pessoal ocupado assalariado recuou em onze dos dezoito ramos pesquisados, com destaque para as pressões negativas vindas de calçados e couro (-6,4%), outros produtos da indústria de transformação (-4,3%), vestuário (-3,0%), máquinas e equipamentos (-2,3%), madeira (-5,5%), produtos têxteis (-2,6%) e minerais não-metálicos (-2,1%). Por outro lado, os principais impactos positivos sobre a média da indústria foram observados nos setores de alimentos e bebidas (2,8%), borracha e plástico (2,7%) e produtos de metal (1,7%).

No índice acumulado do primeiro quadrimestre do ano, o emprego industrial mostrou queda de 0,9%, com taxas negativas em dez dos quatorze

locais e em doze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, Região Nordeste (-4,6%) apontou o principal impacto negativo no total da indústria, vindo a seguir Rio Grande do Sul (-2,6%), Pernambuco (-8,6%), São Paulo (-0,5%) e Bahia (-4,7%). Por outro lado, Paraná (1,4%) exerceu a pressão positiva mais importante no acumulado dos quatro primeiros meses do ano. Setorialmente, as contribuições negativas mais relevantes sobre a média nacional vieram de vestuário (-5,5%), calçados e couro (-5,3%), produtos têxteis (-4,6%), outros produtos da indústria de transformação (-4,2%), madeira (-5,4%), máquinas e equipamentos (-1,3%) e meios de transporte (-1,1%), enquanto os setores de alimentos e bebidas (1,9%) e de borracha e plástica (2,6%) responderam pelas principais influências positivas.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em abril de 2013, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, avançou 1,0% frente ao mês imediatamente anterior, após recuar 0,3% em março. Vale destacar que essa expansão é a mais elevada desde outubro do ano passado (1,1%). Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral, ao apontar variação positiva de 0,3% na passagem dos trimestres encerrados em março e abril, reverteu três meses de resultados negativos consecutivos e assinalou a taxa mais elevada desde fevereiro de 2012 (0,6%).



Frente a igual mês do ano anterior, o número de horas pagas mostrou variação positiva de 0,1% em abril de 2013, interrompendo dezenove meses de taxas negativas consecutivas nesse tipo de confronto. O índice acumulado no primeiro quadrimestre de 2013 assinalou recuo de 1,3%, ritmo de queda menos intenso que o verificado no último quadrimestre do ano passado (-1,5%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 1,8% em abril de 2013, mostrou resultado negativo menos intenso do que o de março último (-2,0%) e interrompeu a trajetória descendente iniciada em fevereiro de 2011 (4,5%).

Em abril de 2013, o número de horas pagas registrou variação positiva de 0,1% no confronto com igual mês do ano anterior, com taxas positivas em sete dos quatorze locais e em dez dos dezoito ramos pesquisados. Em termos setoriais, as principais influências positivas vieram de alimentos e bebidas (3,6%), meios de transporte (2,0%), borracha e plástico (2,5%), refino de petróleo e produção de álcool (4,2%) e produtos de metal (1,3%). Em sentido contrário, as atividades de calçados e couro (-7,4%), de outros produtos da indústria da transformação (-4,3%), de vestuário (-4,0%), de máquinas e equipamentos (-2,5%), de produtos têxteis (-3,6%) e de madeira (-6,0%) assinalaram os principais resultados negativos nesse mês.

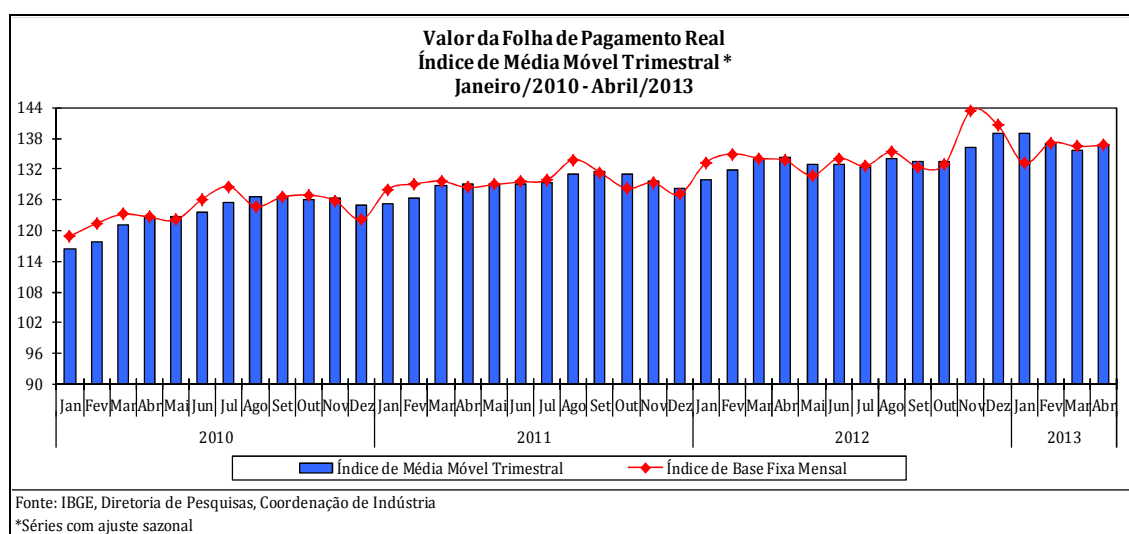
Entre os locais, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, São Paulo (1,3%) apontou a principal contribuição positiva sobre o total do país, impulsionado em grande parte pelo aumento no número de horas pagas nos setores de alimentos e bebidas (9,3%), borracha e plástico (6,3%), vestuário (6,6%), refino de petróleo e produção de álcool (9,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (3,3%) e produtos químicos (3,1%). Vale mencionar também os impactos positivos assinalados por Santa Catarina (1,4%), por conta dos avanços vindos de borracha e plástico (6,0%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (8,3%) e máquinas e equipamentos (3,7%); Minas Gerais (0,7%), devido, sobretudo, à expansão verificada em meios de transporte (15,7%) e minerais não-metálicos (7,7%); e Região Norte e Centro-Oeste (0,7%), em função, principalmente, do

aumento registrado em alimentos e bebidas (6,7%) e refino de petróleo e produção de álcool (8,3%). Por outro lado, Região Nordeste (-3,3%) exerceu a principal influência negativa sobre o total do número de horas pagas, pressionada em grande parte pela redução registrada nos setores de alimentos e bebidas (-2,8%), calçados e couro (-3,6%), refino de petróleo e produção de álcool (-12,9%) e de minerais não-metálicos (-5,0%). Vale mencionar também os impactos negativos assinalados por Rio Grande do Sul (-2,1%), devido, sobretudo, à retração verificada em calçados e couro (-8,8%), máquinas e equipamentos (-6,8%), vestuário (-17,1%), borracha e plástico (-6,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,8%) e produtos têxteis (-12,5%); Bahia (-4,0%), em função, principalmente, dos recuos registrados em calçados e couro (-17,3%), máquinas e equipamentos (-13,8%), minerais não-metálicos (-8,2%) e de alimentos e bebidas (-2,6%); Espírito Santo (-6,0%) por conta dos recuos vindos de máquinas e equipamentos (-24,3%), vestuário (-19,0%) e alimentos e bebidas (-3,7%); e Pernambuco (-3,7%), explicado pelo menor número de horas pagas nos setores de borracha e plástico (-26,1%), alimentos e bebidas (-2,8%) e refino de petróleo e produção de álcool (-19,0%).

No índice acumulado no primeiro quadrimestre de 2013 houve recuo de 1,3% no número de horas pagas, com doze dos dezoito setores pesquisados apontando taxas negativas. Os impactos negativos mais relevantes na média global da indústria foram verificados nos ramos de vestuário (-6,3%), calçados e couro (-7,4%), outros produtos da indústria de transformação (-5,1%), produtos têxteis (-5,1%), máquinas e equipamentos (-2,6%), madeira (-6,1%) e papel e gráfica (-2,2%). Em sentido oposto, alimentos e bebidas (1,7%) exerceu a principal contribuição positiva sobre o total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria. Em nível regional, doze dos quatorze locais apontaram taxas negativas, com destaque para o recuo de 4,5% registrado pela Região Nordeste, vindo a seguir as perdas verificadas no Rio Grande do Sul (-3,7%), Pernambuco (-8,1%), São Paulo (-0,6%) e Bahia (-5,0%). Em contrapartida, Paraná (0,9%) assinalou a influência positiva mais relevante sobre o total da indústria.

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em abril de 2013, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente apontou variação positiva de 0,2%, após recuar 0,5% no mês anterior. Vale destacar que o resultado desse mês foi influenciado pelo comportamento positivo tanto da indústria de transformação (0,2%), como do setor extrativo (0,4%). Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral assinalou expansão de 0,9% na passagem dos trimestres encerrados em março e abril e reverteu dois meses de taxas negativas consecutivas que acumularam perda de 2,5%.



No confronto com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real cresceu 2,6% em abril de 2013, quadragésima taxa positiva consecutiva nesse tipo de comparação. No índice acumulado no primeiro quadrimestre de 2013, o valor da folha de pagamento real na indústria avançou 2,0%, mas mostrou perda de ritmo frente ao índice do último quadrimestre de 2012 (6,1%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao crescer 3,6% em abril de 2013, apontou redução na intensidade do crescimento frente aos resultados de dezembro (4,4%), janeiro (4,1%), fevereiro (3,8%) e março (3,7%).

Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real apontou expansão de 2,6% em abril de 2013, com resultados positivos em onze dos quatorze locais investigados. A maior influência

positiva sobre o total nacional foi verificada em São Paulo (3,6%), impulsionada pelo aumento no valor da folha de pagamento real em dez das dezoito atividades investigadas, com destaque para alimentos e bebidas (10,3%), produtos químicos (9,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (11,9%), produtos de metal (7,7%), meios de transporte (2,0%) e refino de petróleo e produção de álcool (9,3%). Vale mencionar também os impactos positivos assinalados por Paraná (4,6%), Região Norte e Centro-Oeste (4,4%) e Rio Grande do Sul (3,6%). Nestes locais, as atividades que mais contribuíram positivamente para o aumento do valor da folha de pagamento real foram, respectivamente, meios de transporte (8,0%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (15,4%) e máquinas e equipamentos (10,2%); alimentos e bebidas (11,6%), produtos de metal (9,3%) e refino de petróleo e produção de álcool (8,1%); alimentos e bebidas (11,1%), meios de transporte (10,8%) e produtos de metal (9,9%). Em sentido contrário, as principais contribuições negativas vieram de Rio de Janeiro (-3,3%) e Pernambuco (-4,9%), pressionadas, em grande parte, pelas reduções em papel e gráfica (-44,9%), devido a elevada base de comparação por conta do pagamento de participação nos lucros e em resultados em importante empresa do setor em abril de 2012, e meios de transporte (-9,6%), na indústria fluminense, e alimentos e bebidas (-12,4%), borracha e plástico (-16,8%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-11,1%), no setor industrial pernambucano.

Setorialmente, ainda no índice mensal de abril de 2013, o valor da folha de pagamento real no total do país cresceu em doze dos dezoito ramos investigados, com destaque para alimentos e bebidas (6,4%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (7,9%), produtos químicos (5,9%), produtos de metal (4,9%), meios de transporte (2,3%) e indústrias extrativas (4,9%). Por outro lado, os principais impactos negativos foram observados em papel e gráfica (-5,8%), metalurgia básica (-1,2%) e máquinas e equipamentos (-0,6%).

No índice acumulado no primeiro quadrimestre de 2013, o valor da folha de pagamento real avançou 2,0%, com taxas positivas em dez dos

quatorze locais pesquisados. A maior contribuição positiva sobre o total da indústria veio de São Paulo (1,8%), vindo a seguir as influências de Rio de Janeiro (4,2%), Região Norte e Centro-Oeste (4,6%), Minas Gerais (1,9%), Rio Grande do Sul (2,4%) e Paraná (2,5%). Em sentido contrário, os impactos negativos vieram de Pernambuco (-3,7%), Região Nordeste (-0,7%), Bahia (-0,8%) e Espírito Santo (-0,1%).

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real avançou em quatorze das dezoito atividades pesquisadas, impulsionado, principalmente, pelos ganhos vindos de alimentos e bebidas (4,4%), produtos químicos (5,8%), indústrias extrativas (5,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (5,6%), borracha e plástico (3,8%) e máquinas e equipamentos (1,1%). Por outro lado, os setores de metalurgia básica (-3,6%) e de vestuário (-4,1%) exerceram as influências negativas mais relevantes sobre o total nacional.